

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς  
ἡμερῆς ἐπισημοῦς ἡμερῆς ἐπισημοῦς  
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

diversas fontes para perceber a forma como se configura a imagem desta personagem e, conseqüentemente, das mulheres da sua condição no seu tempo e no de quem sobre elas escreveu ou testemunhou.

S. Jerónimo é a fonte principal do estudo de Mercedes Serrato Garrido, «*Epitaphium Sanctae Paulae* (Hier., *Ep.* 108): metamorfosis de una matrona romana». Estamos já no âmbito do feminino cristão e da construção da imagem da mulher que segue Cristo, numa perspectiva de idealização no universo tardo-antigo. Neste sentido, é particularmente importante o trabalho que Amparo Pedregal Rodríguez dedica às mulheres não cristãs desse mesmo período, em «Faltonia Betitia Proba, Anicia Faltonia Proba y Demetriade, *adorno* de los *Anicii*», visto que nos faculta o estabelecimento de contrastes e permite perceber a não linearidade das sociedades em causa e do processo histórico.

Os últimos dois capítulos do livro, da autoria de María Teresa Muñoz García de Iturraspe, que escreve «La tradición clásica en torno al concepto de culpa en la literatura femenina inglesa: de George Eliot a Virginia Woolf», e de Ramiro González Delgado, que apresenta «Pénélope y el secreto de una espera: la pervivencia de una heroína griega en la poesía contemporánea», são dedicados a temas de recepção das problemáticas da mulher da Antiguidade Clássica na cultura contemporânea.

Se nos é permitida uma crítica mais incisiva, este volume só teria a ganhar com uma bibliografia final, que reunisse os vários estudos que suportam os textos aqui apresentados, bem como um índice geral e *locorum*, que nos permitisse um acesso rápido às temáticas abordadas. Por outro lado, não podemos deixar de manifestar o nosso agrado, por ver como a vizinha Espanha se apresenta no meio científico internacional, considerando a área dos Estudos da Antiguidade Clássica, com uma obra desta envergadura e com esta importância.

**Nuno Simões Rodrigues**

**PIERRE BONNECHERE**, *Le sacrifice humain en Grèce ancienne*, Athènes/Liège, Centre International d'Étude de la Religion Grecque Antique, 1994, 423 pp. ISSN: 0776-3824.

O estudo que os suplementos da revista *Kernos* decidiram, em boa hora, publicar, em 1994, aborda uma das problemáticas mais

complexas e debatidas, e ao mesmo tempo «atraentes», no âmbito da historiografia da Antiguidade: «perante o sacrifício humano, o Homem sempre sentiu uma espécie de fascínio, em que o horror se mistura com o sentimento de mistério e em que o sublime confina com o demoníaco», escreve o A. Praticavam os antigos povos europeus sacrifícios humanos? Ou melhor, era essa prática reconhecida na área mediterrânea, designadamente entre Gregos e Romanos? Como conciliar duas culturas tidas como as matrizes civilizacionais da nossa «europeidade» e, em sentido mais lato, do nosso ocidentalismo, com tais rituais tão pouco enquadrados nos cânones do que hoje entendemos por civilizado? O conjunto de fontes disponível, porém, levanta suficientes suspeições para que consideremos o problema como matéria de pertinente análise científica.

É o que faz P. Bonnechere com este trabalho, resultante de uma tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Católica de Lovaina, em 1992. Precisamente porque surge por todo o lado, tanto na literatura greco-romana como nos até nos textos bíblicos (quem não se recorda dos célebres episódios de Isaac e da filha de Jefté?), porque «ensombra» a memória ocidental ao se radicar nos seus textos matriciais, o sacrifício humano revela-se um tema insólito e ao mesmo tempo de grande apetência.

O método utilizado considerou três possibilidades de abordagem do problema: 1ª) assumir os testemunhos na óptica da tentativa de encontrar a historicidade ou a ficção dos sacrifícios humanos referidos, especificamente nas fontes gregas antigas. Tenta-se, portanto, averiguar a verosimilhança do relato. No universo helénico, porém, como confessa o A., essa metodologia é pouco consequente, uma vez que nos faltam referências e descrições de autores mais fidedignos, como Tucídides ou Políbio, enquanto abundam as de carácter mitológico ou de função propagandística; 2ª) considerar a questão das descrições de sacrifícios humanos como uma parte do problema, que deve ser enquadrado nas problemáticas mais alargadas, como a de conhecer o papel que os Gregos efectivamente conferiam aos sacrifícios humanos enquanto acto religioso em si mesmo e no quadro do pensamento e sociedade helénicos; 3ª) proceder à comparação dos dados disponíveis com os que outras culturas e civilizações proporcionam, tentando determinar constantes e linhas de força, de tipo histórico, sociológico, etnológico, psicológico e antropológico. P. Bonnechere considera as três vias como possibilidades mas criticando-as também, ao mesmo tempo que avalia as limitações que cada uma delas oferece ao investigador.

Depois de criticar as diversas concepções de «sacrifício humano», tendo em conta a distinção entre essa designação e «morte ritual», o A. centra-se nos problemas que fundamentam a sua tese. Esta divide-se em três grandes partes, tratando a primeira do sentido do sacrifício humano nos mitos e nos ciclos mitológicos gregos, e em que ganha particular destaque os rituais iniciáticos e as práticas dionisiacas. O *corpus* de base é abrangente. Aqui se encontram análises feitas sobre os textos relativos aos cultos e mitos de Ártemis, Zeus, Teseu, Medeia, Aglauro, Jacinto, Oríon, Ácteon e Dioniso, entre outros. A segunda parte debruça-se sobre a recepção do tema do sacrifício humano em períodos históricos mais recentes e maduros da História Grega, designadamente o dos Trágicos e o de Plutarco. A terceira parte estuda, por fim, os sacrifícios não entendidos de uma forma literário-mitológica, mas tidos como reais e históricos para os Antigos, bem como a forma como essa definição se processa. Aqui, é particularmente interessante o subcapítulo dedicado à questão do *pharmakos* na cultura grega.

Bonnechere conclui que o sacrifício humano era um fenómeno marginal no seio da *polis* grega. Sendo impossível provar em absoluto que esse tipo de prática esteve de todo ausente da mundividência religiosa dos Gregos, é plausível considerar que ela tenha emergido em momentos relacionados com condenações à morte ou de rituais bélicos. Menos verosímil, porém, terá sido a imolação gratuita do congénere humano, nem sequer como forma primitiva do sacrifício que depois se terá tornado animal. Tal ritual faria parte da definição de bárbaro, primeiro que tudo. Por outro lado, os relatos mitológicos configuram sobretudo uma perspectiva exagerada, imagético-simbólico-religiosa da questão, não se enquadrando nos princípios normativos da cidade clássica, mas que ao mesmo tempo o torna indissociável das problemáticas históricas inerentes à religião grega. Deste modo, o bem fundamentado estudo de P. Bonnecher constitui um elemento essencial para qualquer investigação dedicada ao tema em questão.

Bibliografia (actualizada, tendo em conta o ano de 1994, o da sua publicação), e índices *locorum*, geral (toponímico, antroponímico e temático) e de palavras gregas completam o volume.

**Nuno Simões Rodrigues**